

A PERMANÊNCIA E A PERVIVÊNCIA DO SERMONÁRIO ANTONIANO

MARIA LÍLIA SOLIPA PEREIRA

"Tendo Deus falado outrora aos nossos pais, e de muitas maneiras pelos Profetas, agora falou-nos nestes últimos tempos pelo Filho, a Quem constituiu Herdeiro de tudo e por Quem igualmente criou o mundo. Sendo Ele o resplendor da Sua glória e a imagem da Sua substância e sustentando todas as coisas pela Sua palavra poderosa."

_____ Serve-nos de leit-motiv para retomar o estudo do nosso Patrono, esta carta aos Hebreus, de tónica Paulista, escrita numa fase crítica do Cristianismo na Palestina em ruptura com a Sinagoga, e que serve de orientação para a perseverança na Fé, pela fidelidade à graça condutora da praxis de outras virtudes cristãs.

Para tanto estabelecemos o paralelismo com o devir vivencial de Santo António, quando influenciado pela morte dos Franciscanos Mártires em Marrocos, anseia por vestir o mesmo hábito e partir para o combate pela Fé com as armas da sabedoria e da virtude esgrimidas na poderosa oratória: *"porque a palavra de Deus é viva e eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração."*

O poder da palavra que emana da oratória Antoniana, transmite uma gnoseologia eivada de uma procura atenta em harmonizar fundos doutrinários e convivência do quotidiano, preocupada com a vertente humana dos seus ouvintes para melhor os conduzir no entendimento do sobrenatural. Discípulo de Santo Agostinho na formação consciente da auto-crítica: *"faze que eu me conheça"* e do Patrono da Ordem S. Francisco de Assis na consideração das virtudes teológicas: Fé, Esperança e Caridade. Utiliza consequentemente, estes esteios indispensáveis para o agir quando a escolha entre o bem e o mal questionam a relação do homem imago-Dei no microcosmos da sua existencialidade: *"Quem usa a pregação celeste, abandonando as baixezas das obras terrenas, parece estar no cume das*

coisas; tanto mais facilmente atrai os súbditos ao que é melhor, quanto o mérito da vida clama os bens superiores. De facto penetra melhor o coração dos ouvintes a voz que é recomendada pela vida do orador, porque ajuda a executar, pelo seu exemplo, os preceitos expostos na pregação

A Sua Palavra testemunha para além dos seus estudos, (tanto em S. Vicente de Fora – Lisboa, como em Santa Cruz – Coimbra), a força do Prégador de eleição, digno detentor do epíteto: "Arca do Testamento", também do Peregrino em verdadeiro espírito de pobreza, cumprindo até à exaustão o que proclama no primeiro sermão das Suas Obras Dominicais: *Nada mais ímpio do que amar o dinheiro.*

Tendo sido formado em dois centros de fundação real com características quase similares porque ambos situados junto a cidades reconquistadas aos mouros, cumpriu a prerrogativa outorgada aos descendentes de nobres, "desde o fim do Século XII, para o canoninato em catedrais ou colegiadas".

Assim, depois de Menino do côro na Sé Catedral, seria influenciado para o despojamento em S. Vicente, sob o "movimento dos Regrantés" detentor da prática doutrinal ligada ao desprezo dos bens terrenos, unicamente válidos, como condutores para a vida eterna, e independentizados da alta nobreza por não pactuarem com o patronato leigo, logo mais próximo do *modus vivendi* das populações, numa notável abertura pastoral.

Em Santa Cruz de Coimbra cuja pastoral se preocupava mais com a dinâmica da hospitalidade no pequeno grupo clerical "que procurava reproduzir a vida pobre e caritativa, harmónica e serena dos Apóstolos em Jerusalém" acentuando mais a dominante litúrgica, relevando pela pregação a gesta cavaleiresca que acompanhava o múnus do pároco citadino e rural Fernando de Bulhões despiu definitivamente as possíveis marcas da aristocracia que ainda poderia conservar para vestir o burel que O marcaria para toda a eternidade.

Uma citação do Livro de Linhagens do Conde D. Pedro talvez equacione a formação medieva orientadora na relação de benevolência feudo vassálica que cimentada pelo modelo Evangélico estrutura seres superiores capazes do despojamento total. "è de gram poder deve-o seguir porque vem do seu sangue. E é seu igual deve-o d'ajudar. E se é mais pequeno que si deve de lhe fazer bem, e todos deevem seer de uum coração."

Atento aos modelos comportamentais individuais e colectivos, a figura do "glorioso filho de Fernando Martim Vicente de Bulhão, rico mercador descendente de Godofredo de Bulhões ou Bouillon que veio auxiliar D. Afonso Henriques na conquista do Reino...":

"Levai grande coração
contra a Carracena grulha
Que bem se há-de haver na bulha
Um soldado que é Bulhão"

"...e de D. Teresa Martins Taveira, cónega regante no Mosteiro de S. Miguel das Donas.":

"De Lisboa no distrito
Está a Quinta dos Bulhões
É o berço de Varões
Que seu nome tem escrito
Nos seus sublimes brasões" (Fig. 1)

Não seria contudo no Portugal coevo marcado por acontecimentos dramáticos à época do Seu nascimento em 1190, mui próximo ao tempo da Cruzada libertadora dos exércitos almoadas, "momento de esperança e de euforia" (parafrazando o Prof. José Mattoso), a que se seguiria um longo processo de afirmação do poder régio contra as tentativas de usurpação advindas quer dos senhores leigos e eclesiásticos quer também das ordens militares.

Entre os reinados de D. Afonso I e D. Sancho I "o tempo português de Santo António" conheceria um ambiente de esperanças renovadas, fomentador de uma renovada cristandade, sem grandes ilusões sobre a transformação exclusivamente radicada na régia autoritas, conhecedora de que só com a total renúncia às riquezas materiais e ao poder público, teria a força necessária que influenciasse conversões de vida através da prégação.

Seria sim para o nosso Santo a passagem por Marrocos, para onde partira já com as sandálias de Franciscano que iria iniciar a gesta transformadora de corações, que o afastaria do solo paterno, para realizar o "donum amoris" de toda uma vida para que aos outros, através da Sua Voz Conselheira, chegasse a paz unificadora das consciências.

Se nos reportarmos aos anos Duzentos em Itália, a cena politico-social é ocupada por grandes sistemas e projectos culturais na linha do universalismo impero-papal de inspiração romano-cristã e na da feudalidade com a tónica de uma outra realidade que emerge: a cidade.

Nesta complexa ambiência, ainda impregnada da "ambigua epopeia" da Cruzada, temperada embora quer pelas actividades artesanais e comerciais, quer pela escolástica Tomasiana ainda em formação, radica-se uma conflitualidade permanente entre o individuo e o grupo, libertadora da terra - tenência e da sociedade balizada entre o castelo e o mosteiro.

Na nova dialéctica cidade-campo, debatem-se as forças antagónicas da realeza, clero e nobreza preexistentes, com a nova classe urbana do povo grado e arraia miúda, geradoras de um novo quadro socio-cultural não obstante a permanência da matriz sacral, coincidentes com as corporações de artistas e artesãos mestirais e a comuna livre, complementadas pela universidade e pelo artista; sendo neste contexto de permanência sacral que o não conformismo cultural, vai gerar figuras de relevo entre as quais se vai destacar Frei António.

"Principia a prégar, e não acabam de admirar-se os ouvintes. Descobre-se por este meio o escondido thesouro de sua profunda sabedoria. Dá se conta a Francisco d'este não esperado sucesso. Constitue O seraphico Patriarcha Pregador ao Santo. E assigna-lhe para sua morada a Casa de Forli. Celebra-se o capítulo geral; E n'elle se determina a Antonio, que passe com Fr. Adão de Marisco a graduar-se em Theologia a Vercelli. Doutorada n'aquella faculdade, passa a Montpellier como leitor, dahi a Bolonha, e ultimamente a Padua."

No quadro cultural do Século XIII, Santo António pontua como "um dos maiores nomes da nossa cultura medieval" reveladoramente expressa nos apontamentos dos Seus Sermões, cuja prosa espelha o brilhante conhecimento teológico informado em grande parte nos Mosteiros Portugueses de Sto. Agostinho e sobre os quais, o trabalho modelar do Professor Gama Caeiro tão eloquentemente enaltece como sendo, o Sermonário Antoniano, uma das expressões doutrinárias mais válidas da Idade Média. "Ele foi para honra sua e de Portugal o índice mais alto da cultura das Letras Sagradas no seu século, um valor de universalização que à Europa ofereceu a cultura medieval portuguesa."

Era o tempo europeu de António de Lisboa, marcante pelo emergir da Sua individualidade como um "Hispani" nas Universidades de Itália e França e como sacerdote itinerante, "conselheiro influente dos principios e árbitro do consenso popular" por estas paragens, com uma obra literária reveladora do que foi a síntese teológica nas Escolas da Península Hispânica no tempo da proto-escolástica. Notabilizando o rincão pátrio que os fados impediram de voltar a calcorrear, porque entregue à itinerância evangélica do Seu percurso terreno: *"...habito em tendas que se transferem de lugar para lugar e onde os soldados dão lutas e são impugnados porque não tenho mais cidade permanente, mas procuro uma futura"*

A referência à personalidade do nosso carismático Santo não pode limitar-se à fluência da sua mensagem escrita pois não foi esta que impressionou vivencialmente a maioria dos seus contemporâneos a ponto de os converter em cumpridores, mas a voz expressiva de quem vive o que diz (segundo o Prof. Delfim Santos): "o cristão não é aquele que aceitou a etiqueta de uma denominação evangélica. Mas sim aquele ... para quem a vida perdeu todo o carácter efémero e transitório e respira já a atmosfera do eterno que soube criar, num impulso de amor à volta dos que o rodeiam. O cristianismo é acção e só acção".

Para ilustrar o sentir cristão do Santo, cremos que só o documenta em pleno a Sua Palavra por isso escutemo-la de um dos sermões do ano de 1226 do XXI Domingo depois do Pentecostes:

"Naquele tempo: Havia um régulo em Cafarnaum, cujo filho estava doente ..."

Disse Ezequiel: "Sobre o firmamento, que estava eminente às cabeças dos animais havia um trono de safira e sobre esta semelhança havia uma semelhança de homem sentado"

O firmamento é o coração contrito; donde o dizer no Génesis: "Faça-se o firmamento no meio das águas, dividindo as águas de outras águas". O coração do penitente contrito dos pecados possui águas superiores, isto é, rios de graça, e inferiores, isto é, rios de concupiscência..., as águas superiores significam a razão, faculdade superior da alma, que incita ao homem sempre para o bem; as águas inferiores, a sensualidade... em Ezequiel: "Vi como uma espécie de metal brilhante, da sua cintura para cima; e da sua cintura para baixo vi como uma espécie de fogo". Comentário da Glossa: O que está acima da cintura, onde se encontra o sentimento e a razão... precisa de metal preciosíssimo e puríssimo: o que está da cintura para baixo..., precisa da purificação das chamas.

O coração contrito esmague o princípio dos desejos carnaís, e então haverá sobre o firmamento uma semelhança de trono da pedra de safira. O trono designa a confissão dos pecados... e note-se que a confissão deve ter a semelhança da pedra de safira. Possui quatro propriedades: assemelha-se ao céu sereno, mostra em si uma estrela, faz parar o sangue, destrói o antraz. A estrela, de stando (estar de pé), significa o firme propósito de não recair. O filho do régulo é a alma de qualquer fiel em Jesus Cristo... Todo aquele que quer ser soldado de Deus e revestir-se da sua armadura... importa que possua o cavalo da boa vontade, a sela da humildade, os estribos da constância as esporas do duplo temor, o freio da temperança, o escudo da fé, a couraça da justiça, o capacete da salvação, a lança da caridade."

A versão escrita dos Seus Sermões explicitava a lição dirigida aos Seus confrades e aos futuros oradores, (temos que ter presente o Seu tempo de leitor de Teologia em Montpellier e Toulouse e a Sua permanência em Arles, Bolonha e Limoges), *"Só a Teologia, é o cântico que ressoa suavemente aos ouvidos do Senhor e nos renova a alma"* diz no sermão do II Domingo depois da Páscoa. Todavia não se reduzia ao papel de professor na sua cátedra, mas usando sempre esta, como púlpito de apóstolo, porque "pretende trazer ao bom caminho corações transviados, restituir a Deus almas que o vício ou a perversão dos tempos arrancou a Deus", com o alimento doutrinário.

Sermonário de indole e propósito morais, justificado e alicerçado quer nos Textos Sagrados como nas letras clássicas profanas, a que não estiveram alheias a

obediência da filosofia pitagórica. Actual no Seu século ao conceito simbólico da numerologia: para Ele, a nossa alma representa um número, um conjunto de grande unidade-a origem do mundo e o próprio mundo um conjunto de unidades subalternas, dando assim vida, alma e ser actuante ao número: *"De facto o fiel possui em si certa representação das ordens celestes, e consta de quatro elementos, como qualquer outra criatura. Nove são as ordens. Queremos dispô-las em três séries de igual número... Mil anos, número perfeito, simboliza a perseverança final... Todo aquele que representa em si, portanto estas nove ordens, como dissemos, e delas dispõe e informa ordenadamente a vida do seu corpo, que consta de quatro elementos... Comentário da glosa de S. Jerónimo: Devemos rezar para que os anciãos da casa de Israel não façam nas trevas o santo número sete, multiplicando-o por sete décadas... Os religiosos do nosso tempo são setenta homens, visto que devem possuir na perfeição das obras a graça septiforme do Espírito Santo."*

E sobre o número sete pode-se equaciona-lo às virtudes do Santo: "Possui o Santo as sete energias instauradas pela inteligência, possui o intelecto individual que participa da eternidade da inteligência e está muito acima do pensamento, possui a verdade; possui a alegria, pois a alegria brota da plenitude do conhecimento; possui a prova apodictica; e também a vida; porque a vida é inseparável da inteligência, e são como mortos os que a ignoram: Possui a perfeição, E o éxtase perante o mundo sensível."

No nosso tempo português, interrogamo-nos sobre o tempo de desgraça em que a memória do nosso Santo foi deixada por mãos alheias, de tal modo que quase perdeu a identidade nacional, bem significativo é que só 739 anos após a sua morte, surja a primeira tradução integral da sua obra. Será porque a nossa "memória colectiva não age como sintetizadora, dividida em si mesma, quase em antinomia, em duas linhas que raramente se encontraram: a sabedoria popular e a cultura erudita."? Não admira pois que na nossa vizinha Espanha e de um Instituto Teológico Franciscano, ainda se publique em 1998 um estudo sistemático da prégação de Santo António de Pádua !!!...

Será que nos teremos que penitenciar setenta vezes sete ad infinitum, do tempo e foram séculos, (nem a Voz de Padre António Vieira despertou a intelligentzia portuguesa), em que deixamos esquecer a "estatura intelectual, os dons magníficos da sua inteligência, a profundidade do seu saber filosófico e teológico, a forma como imprimiu novos rumos ao Franciscanismo", para deixar que prevalecesse a dimensão quase lendária de um "santo popular"?!.

Lendária mas necessária, pois sem ela quiçá a figura que fez pensar Pontífices e que por eles foi valorizada, teria só sido exaltada nos países que não o seu?!... Apreciamos aqui citar um excerto do Sermão Vieirense:

"O Papa Nicolau IV tinha collocado a estatua de Sto Antonio na mesma ordem & serie, em que na Basílica de S. João de Latrão se vem as dos Apóstolos: & parecendo-lhe a Bonifácio VIII que aquelle lugar tam alto não competia a nenhum Santo de tam pouca antiguidade, como era em seu tempo a de S. Antonio, ordenou que fosse tirada delle & posta alli a de S. Gregorio Magno. Eif aqui como o sobrenome de Magno já então se impugnava a S. Antonio. Mas vejamos como elle o defendeu; levantarão os officiaes os andaimes por ordem de hum Pontifice para pôrem naquelle lugar outro; & ao primeiro golpe de picão, que tocou no capello a S. António, levantou a mão a estatua com tal impulso, que os pedreiros & os andaimes com ruido, que affombrou toda Roma, vierão abaixo, tendo-se por grande milagre do mesmo Santo, que todos os tinham subido àquella obra se levantaram vivos, & se levantou; ficando elle porém no seu lugar sem ser substituído por outro, posto que hum & tan Grande Pontifice, como bem declara o titulo & sobrenome de Magno. & são já três Pontífices, hum que lho deu, outro que lho quis tirar, & o terceiro que o não substituiu...

Em poucos dias se acrescentou a este número o quarto, Urbano VIII que não queria pleitos com S. Antonio de que em S. João de Latrão tinha já o aviso"

Em nossos dias, gaudeamus, os Pontífices da contemporaneidade tem colocado a figura do nosso Santo no lugar que Lhe é devido, certamente que o P.^o António Vieira lá da eternidade sorri e aplaude.

Aplaudindo sempre, continua a cidade de Pádua que prepara para Maio de 2001 mais um Congresso Antoniano, (conforme informação de Frei Bertazzo) na gratidão com que desde a primeira hora reverenciou o Taumaturgo. Do Simpósio efectuado no Seminário maior de Pádua em 1981 sob o titulo "Sermões dominicais e festivos" cujas actas foram publicadas no Studia Patavina 1981/83, tiramos algumas questões meditativas da problemática: actualidade pastoral dos Sermões, (para o cristão, para o crente e para os participantes das instituições eclesiais), motivações e soluções para os dilemas e "esquizofrenia social cultural, politica, económica e comportamental hipoteticamente comuns quer aos primeiros vinte anos de 1200 quer ao último vintênio do século XX"

Se bem pensarmos o nosso tempo com os seus valores e as suas mazelas, não se distancia em similitude dos dilemas humanos que levavam S. António a esgrimir o gládio da sua palavra na luta contra a usura e consequente sobreposição dos interesses particulares em detrimento do bem comum, luta contra o poder cego que em vez de servir desfruta e oprime:

"Livre de vícios tem de estar quem tem o cuidado da correção das faltas alheias, para que não pense em assuntos terrenos, não sucumba a maus desejos. Na medida em que vê o dever de os outros os evitarem, deve elle mesmo afastar-se verdadeiramente deles por meio do seu conhecimento e da sua vida.(...) Se queres repreender alguém, vê primeiro se tu és semelhante a elle. Se o és, bate no peito e

não pretendas que ele te obedeça, mas manda e admoesta que se esforce juntamente contigo. Se não és como ele, mas porque noutro tempo o foste ou pudeste ser, condescende, e repreende, não com ódio, mas com misericórdia.”

Referindo-se concretamente nas suas lições ao clero, utiliza contudo a mesma expressão nominativa para os congregar aos leigos: *penitentes*.

“Nos lírios há três propriedades: medicina, candor e perfume. A medicina está na raiz, o candor e o perfume na flor. Simbolizam os penitentes, pobres de espírito, que mortificam o corpo com os seus vícios e paixões, que possuem a humildade no coração para reprimir o tumor da soberba, o candor da castidade no corpo e o perfume da boa reputação. Num campo notam-se duas coisas. A solidez da santidade e a perfeição da caridade. O campo é o mundo em que manter a flor é tão difícil como glorioso. Mas é mais glorioso para os penitentes florescer no campo, no mundo, onde facilmente perece a dupla graça da flor, a saber, a beleza da boa vida e o perfume da boa opinião.

Corrige os prelados irresponsáveis que afastam os fiéis dada a sua incoerência e impiedade, apelando para a verdadeira conversão cristã pela *contrição do coração*:

“A pomba é o bom súbdito, cujas penas são as palavras do prelado, que o fazem voar, porque à palavra do prelado o súbdito deve logo voar com o coração e com o corpo como se fosse uma pomba. E atendam os prelados que as suas palavras devem ser prateadas com a prata da humanidade de Jesus Cristo, que se misturou com o ouro da divindade. Prateiem, portanto, as suas palavras os prelados com a humildade da humanidade de Jesus Cristo, para que governem os súbditos com benignidade e afabilidade, com providência e misericórdia, porque o Senhor não está no furacão, no terramoto, no fogo, mas no murmúrio da brisa suave.”

Ao articular prelado e *pregador*, aconselha: “O ferreiro, assim chamado por fazer ferro, é o *pregador da Santa Igreja*, que fabrica armas espirituais. Tem de sentar-se junto da bigorna, que é o estudo e exercício da Sagrada Escritura, a fim de se exercitar naquilo que prega... Diz-se em Ciências Naturais que as abelhas voam no ar como que por exercício. Depois voltam aos cortiços e alimentam-se. Também os *pregadores* devem primeiro exercitar-se no ar da contemplação com o desejo da felicidade celeste, para depois mais avidamente serem capazes de se alimentar a si e aos outros com o pão da palavra de Deus.”

Na denúncia dos usurários, avarentos, simoníacos zurze com autoridade para cumprir o objectivo de “*guia na fé*”, e como “*Martelo dos Hereges*” corrige:

“As fortificações, *guarnecidas por um valo ou muros*, figuram as obras, os hereges, semelhantes a estacas aguçadas, cravadas nos olhos dos fiéis. As fortificações são todos os falsos cristãos. O diabo cerca a Igreja com o valo dos hereges e com a fortificação dos falsos cristãos... O sábio, contra a astúcia

do diabo, libertou a cidade do bloqueio dos hereges a da fortificação dos carnis... Sentido moral. A cidade é a alma."

"De facto, ao cessar a tormenta da perseguição hoje verificada, o Senhor dará amanhã, isto é, no futuro, a tranquilidade, para que se realize a pregação."

E foi quando buscava esgotado um refúgio restaurador: "mandou preparar, na copa duma nogueira larga e frondosa tês celazinhas de esteiras, onde António e seus dois virtuosos companheiros, Frei Lucas e Frei Rogério, pudessem com toda a tranquilidade entregar-se à oração e contemplação," que as Suas já parcas forças preparavam o fim do Seu "asno com pressa de seguir para a pátria".

"A árvore boa é a boa vontade, a qual para se manter e ser boa precisa destes cinco elementos: a raiz da humildade, o tronco da obediência, os ramos da caridade, as folhas da santa pregação, os frutos, isto é a doçura, da contemplação superior."

Para a contemplação eterna e cumprindo o propósito da humildade foi a caminho da Sua querida "Padua felix" no Mosteiro das Senhoras Pobres, em Arcella, que se entregaria, rendendo-se ao "Vejo o meu Senhor": *Video Dominum meum*

Na memória dos tempos, ficou "este Varão Santíssimo na qualidade de Mestre da verdade e Advogado fiel e eficaz de todos perante Deus, no coração de todos os fiéis cristãos venerado com piedade e gratidão, enaltecido com os mais rasgados louvores honrado com toda a solenidade em festas inigualáveis" porque em todo o mundo a Sua glória deve ser anunciada aos povos, com suma reverência à Voz que continua a ressoar ultrapassando a barreira dos milénios.

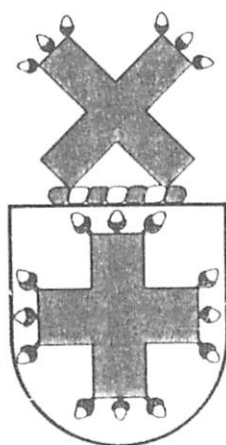


FIGURA 1 – Giotto Séc. XIV
- Presbitério Basilica do Santo – Pádua
- Armas dos Bullhões
“Nos seus sublimes brasões”



FIGURA 2 - Ostensório veneziano.

“Porque basta que haja merecimento em algo, para que St.º Antonio, ao modo do Santissimo Sacramento, estenda o beneficio a todos”.

P.º A. Vieira



FIGURA 3 - "mandou preparar na copa de uma nogueira larga e frondosa três celazinhas de esteiras..."
 in Illustrated BARTSCH



FIGURA 4 - Arcella - Capela do Trânsito "Video Dominnum meum"

Referências bibliográficas

- CAEIRO, Fernando da Gama
Santo António de Lisboa – A Espiritualidade Antoniana, vols. I e II – Lisboa MCMLXIX.
- FONTES FRANCISCANAS – III
Santo António de Lisboa – II volume – Sermões Dominicais. Ed. Franciscana, Braga 1998
- LOPES, Félix
Santo António de Lisboa – Doutor Evangélico. Ed. Franciscana, Braga 1980
- MATTOSO, José
Ricos-homens, infanções e cavaleiros. Lisboa, Guimarães & c.ª Editores, 1982
- NEVES, A. J. Gouvêa
Santo António de Lisboa, Porto MCMLX.
- ROLIM, P.
Santo António de Lisboa, Lembranças do Sétimo Centenário da morte do Glorioso Taumaturgo Português. Coimbra, Ed. 1931.
- SANTOS, Delfim
Obras Completas – II, Lx 1982.
- SCAVAMUZZI, Diomedé
La dottrina di S. Antonio nel giudizio dei contemporanei e dei posteri.
- VERBO, Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura – Ed. Séc. XXI. Ed. Verbo 1998.
- VIEIRA, P.º António
Sermões de St.º António Deslandes 1648.